



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS
Curso de Bacharelado em Relações Internacionais

ALÉXIA FERNANDES MONTEIRO

**ENTRE A ACADEMIA E O MERCADO DE TRABALHO: dilemas e perspectivas para
o profissional de Relações Internacionais**

**BRASÍLIA
2020**

ALÉXIA FERNANDES MONTEIRO

**ENTRE A ACADEMIA E O MERCADO DE TRABALHO: dilemas e perspectivas para
o profissional de Relações Internacionais**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UnICEUB).

Orientador: Professor Luciano Rosa Muñoz

**BRASÍLIA
2020**

ALÉXIA FERNANDES MONTEIRO

**ENTRE A ACADEMIA E O MERCADO DE TRABALHO: dilemas e perspectivas para
o profissional de Relações Internacionais**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador: Professor Luciano Rosa Muñoz

BRASÍLIA, 02 DE OUTUBRO DE 2020

BANCA AVALIADORA

Professor(a) Orientador(a)

Professor(a) Avaliador(a)

Título do artigo: ENTRE A ACADEMIA E O MERCADO DE TRABALHO: dilemas e perspectivas para o profissional de Relações Internacionais

Autora: Aléxia Fernandes Monteiro

Resumo: A dinâmica das interações e transformações no mundo impulsionou a criação de uma área específica para o estudo das relações internacionais. No Brasil, esse movimento é relativamente novo, porém tem apresentado um crescimento significativo dos cursos de graduação em relações internacionais nas últimas décadas. Em paralelo à essa oferta, crescem também as preocupações com relação ao mercado de trabalho de uma área ainda em desenvolvimento. Dessa forma, o profissional de relações internacionais precisa buscar alternativas para se destacar em um mercado competitivo, desinformado sobre suas habilidades e cada vez mais exigente.

Palavras-chave: Relações Internacionais. Mercado de trabalho. Academia.

Abstract: The dynamics of interactions and transformations in the world drove the creation of a specific area for the study of international relations. In Brazil, this movement is relatively new, but it has shown a significant growth in undergraduate courses in international relations in recent decades. In parallel to this offer, concerns about the labor market in an area still under development are also growing. Thus, the international relations professional needs to look for alternatives to stand out in a competitive market, uninformed about his skills and increasingly demanding.

Keywords: International Relations. Labor market. Academia.

Sumário

<i>Introdução</i>	6
1 <i>O ensino de Relações Internacionais no Brasil</i>	7
2 <i>O Internacionalista no mercado de trabalho</i>	11
3 <i>Qual o futuro do internacionalista</i>	16
4 <i>Considerações finais</i>	18
<i>Referências bibliográficas</i>	19

Introdução

As relações entre povos não é um fenômeno novo. O escambo, a culinária, as guerras e a divisão dos países, de certo modo, foram geradas por um nível de interação entre culturas diferentes que transformaram diversos aspectos do mundo que conhecemos hoje. Esse movimento de internacionalização em diversos níveis ensejou o surgimento da área de estudos de relações internacionais no mundo. No Brasil, mesmo que tardiamente, essa dinâmica foi incentivada pelo grau de internacionalização do país e pela demanda por profissionais que atuassem com a nova agenda mundial. Entretanto, o mercado de trabalho para esse novo profissional ainda é uma questão que gera preocupações e incertezas.

O objetivo deste trabalho é apresentar, de forma concisa, a relação entre o surgimento e evolução da área de estudos das relações internacionais e a oferta de oportunidades do mercado de trabalho para o profissional formado. A partir dessa perspectiva, procura-se refletir sobre qual é a percepção para o futuro do internacionalista num mercado de trabalho altamente exigente e qualificado. Para isso, serão analisados dados históricos da criação de cursos de graduação no Brasil em conjunto com a adaptação do mercado de trabalho à nova dinâmica da globalização.

1 O ensino de Relações Internacionais no Brasil

O estudo das Relações Internacionais ganhou força após a Primeira Guerra Mundial e se intensificou após a Segunda Grande Guerra. A partir desses acontecimentos, viu-se a importância de entender melhor as relações entre os países e, principalmente, a necessidade de evitar outros grandes conflitos que afetassem a vida de toda a população mundial. Conceitos como soberania, status quo, cooperação internacional, entre outros, surgem para tentar explicar como funcionam as interações entre os Estados e, em alguns casos, tentar antever possíveis cenários que pudessem influenciar as políticas externas dos países.

Nesse contexto, nos anos 50, foram estabelecidas as primeiras formações na área de Relações Internacionais nas principais universidades americanas e europeias. Dentre outras razões, esse movimento foi consequência do “pensamento idealista que se apoderou das Ciências Políticas” e que tinha a pretensão de evitar novos conflitos por meio da regulação dessas relações e prevenção de discórdias. (LESSA, 2005, p. 34)

Além do fato de países europeus e os Estados Unidos estarem envolvidos diretamente com as Grandes Guerras, as tensões geopolíticas geradas pela Guerra Fria, que começou em 1947 e terminou em 1991 com o fim da União Soviética, intensificaram os estudos das Relações Internacionais nessas regiões.

O fim da Guerra fria e o impulso da globalização trouxeram outros fenômenos recentes e complexos para o campo de estudo das Relações Internacionais, como formação de blocos econômicos, cooperação e segurança regional. Além disso, outros temas foram incluídos no rol de agendas estratégicas para a política externa dos países, como as áreas de clima, meio ambiente, direitos humanos, entre outros.

Para compreender como esse movimento se deu no Brasil, é importante, também, analisar o contexto histórico da época. O primeiro curso de graduação em Relações Internacionais foi criado, no Brasil, em 1974 pela Universidade de Brasília, num ambiente político de regime militar. Segundo Lessa (2005, p. 34), esse período foi especialmente marcado pela transformação da conjuntura econômica internacional que se iniciou com o choque do petróleo, de 1973, e que forçou o Estado brasileiro a rever as metas de crescimento espetaculares que caracterizam o que se denomina de “milagre brasileiro”.

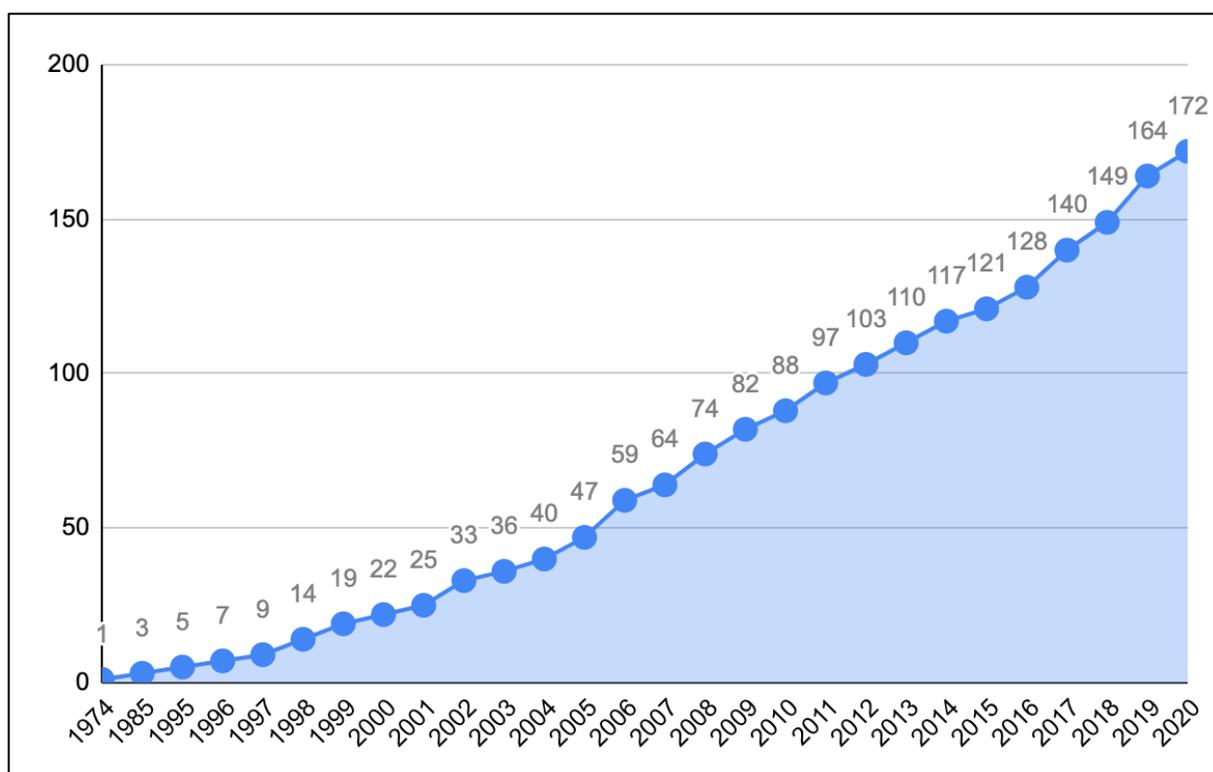
O estudo da área específica de Relações Internacionais no Brasil se desenvolveu tardiamente. Além das razões supracitadas, ainda há outras determinantes que podem ser levadas em consideração ao analisar essa dinâmica. As análises sobre política externa ou sobre o sistema internacional, antes dos anos 70, eram quase inexistentes e a reflexão da política externa brasileira se limitava a um claro alinhamento com a política internacional norte-americana (HERZ, 2002, p. 15). Dessa forma, a falta de acometimento com sua própria política externa fez com que o desenvolvimento dessa área de estudos também fosse prejudicado.

Nesse cenário, a Universidade de Brasília criou o primeiro curso de graduação em Relações Internacionais, em 1974. O objetivo era acompanhar essa nova perspectiva de política externa que o Estado brasileiro implementou. Além disso, o curso visava formar profissionais que fossem capazes de auxiliar a formulação e implementação de políticas exteriores, além de exercer funções diplomáticas e interlocutoras no poder público. Lessa (2005, p. 36) pontua que “o profissional formado no novo curso poderia vislumbrar uma carreira peculiar que se desenvolveria no aparelho de Estado e nas interfaces externas das economias do setor público e do privado”.

Conforme ocorreu o aumento da projeção do Brasil no cenário internacional, houve também o desenvolvimento da área de estudos das Relações Internacionais em termos acadêmicos. Seguindo esse movimento, outras instituições de ensino superior passaram a ofertar o curso de Relações Internacionais visando esse mercado em ascensão. Em 1985, a Universidade Estácio de Sá (UNESA), no Rio de Janeiro, iniciou essa expansão oferecendo um curso voltado para a dinâmica de comércio exterior, proporcionando uma abordagem diversa daquela ofertada pela Universidade de Brasília.

A partir de 1995, com a PUC paulista, intensificou-se a oferta de cursos de graduação em Relações Internacionais, fazendo com que, em todos os anos subsequentes, houvesse a criação de pelo menos um curso de graduação na área. Esse primeiro movimento de expansão foi conduzido principalmente por Instituições de Ensino Superior privadas, até o ano de 2002. Esse interesse pelas Relações Internacionais associado à criação de novos cursos está diretamente relacionado com o papel que o país desempenha no cenário internacional e que esse fator se comunica com a própria percepção que as pessoas têm do mundo (MYIAMOTO, 2003, p. 105).

A partir de 2003, houve uma segunda onda de ampliação da oferta de graduação em Relações Internacionais ocasionada por uma política de facilitação do acesso a universidades, principalmente para a população em vulnerabilidade social. Conforme pesquisa feita na plataforma e-MEC, do Sistema Federal de Ensino, foram identificados 172 cursos em atividade no período compreendido entre 1974 e 2020. O levantamento levou em consideração cursos de graduação oferecidos por Instituições de Ensino Superior registradas no Ministério da Educação nas modalidades presencial e Educação a Distância. O gráfico abaixo mostra a expansão no número de cursos a partir de 1974 e o impulso a partir de 2003:



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da plataforma e-MEC. Disponível em: <<https://emec.mec.gov.br/emec/nova>>

De acordo com o gráfico, em um período de quase dez anos, de 1974 a 1985, o curso da UnB foi o único a ser ofertado no país. De 1995 a 2020, a cada ano, foi criado pelo menos um curso de graduação em Relações Internacionais. A partir deste prospecto, é possível observar que o grau de internacionalização do Brasil está diretamente ligado à oferta de cursos por essas instituições que enxergaram, tanto nas mudanças de política interna e internacional do Brasil quanto no novo cenário globalizado, uma oportunidade para oferecer uma formação plural que fosse capaz de habilitar profissionais que se adaptassem a essa nova dinâmica mundial.

Essa explosão de cursos serviu não só para mostrar que a finalidade dos cursos da UnB e UNESA não era formar apenas diplomatas ou técnicos em comércio exterior, mas também para salientar que o campo de atuação desse profissional é extremamente aberto, o que os torna altamente competitivos no mercado de trabalho (MYIAMOTO, 2003, p. 113).

Em suma, o crescimento do ensino de Relações Internacionais no Brasil e no mundo está diretamente ligado com as mudanças da dinâmica internacional. A partir do momento em que as fronteiras se tornam menos rígidas e os povos mais conectados, a agenda internacional se torna mais importante. Apesar da criação do curso ser um fenômeno recente, há ainda muito espaço para o crescimento da área de ensino e, principalmente, da área de atuação do denominado internacionalista. Em decorrência disso, a contemporaneidade da área de RI traz tanto desafios como oportunidades inéditas para todos que se relacionam direta e indiretamente com o tema.

2 O Internacionalista no mercado de trabalho

O fato de a área de estudo das relações internacionais ser relativamente nova no Brasil faz com que os postos de trabalho especializados nesse setor estejam igualmente sendo estruturados de forma tardia. Apesar das discussões em torno da área política, do direito e da economia existirem há mais tempo, o enfoque na área internacional ainda é uma questão recente e, além disso, a multidisciplinaridade encontra obstáculos numa indústria ainda focada na especialização do conhecimento e das atividades.

O internacionalista enfrenta um desafio existencial quando a questão é o mercado de trabalho, inicialmente por dois fatores: a falta de reserva de mercado e a formação acadêmica plural. A respeito da formação acadêmica, o estudante se depara com uma variedade de matérias no curso de graduação que, de início, buscam apresentar as diversas áreas e temas dentro do campo das relações internacionais. Além da extensa formação teórica, são introduzidas outras temáticas como economia, história e direito relacionadas ao âmbito internacional. Essa colcha de retalhos propõe formar um profissional que esteja preparado para atuar nas diferentes esferas que a profissão permite. Essa formação plural aliada às possibilidades de atuação “não forma alunos com habilidades específicas, como a maioria dos cursos universitários” (MYIAMOTO, 2003, p. 103). Esse fator conduz o internacionalista ao segundo desafio da profissão: a reserva de mercado.

A abrangência de atuação na área de relações internacionais é extensa. Por um lado, esse elemento beneficia o profissional por conta da variedade de áreas possíveis para o exercício do ofício. Por outro lado, essa diversidade impossibilita a formação de uma reserva de mercado para o profissional de relações internacionais. Ao contrário do que acontece com um médico ou um advogado, o internacionalista não tem um campo de atuação tão bem definido. Apesar de considerar-se que esse campo seria justamente o “internacional”, o exercício profissional não se limita a esse termo, além de que, num mundo globalizado, torna-se difícil a definição do que é puramente interno ou externo.

Além disso, esse aspecto também se insere numa discussão recente sobre a necessidade de regulamentação das profissões em geral. De um lado, observa-se que no cenário econômico atual a criação dessa reserva, além de implicar em custos, restringe a atuação do profissional ao que foi regulado, acarretando, também, o engessamento de uma atuação dinâmica como no caso do internacionalista. Em contrapartida, a regulação da profissão implica um maior

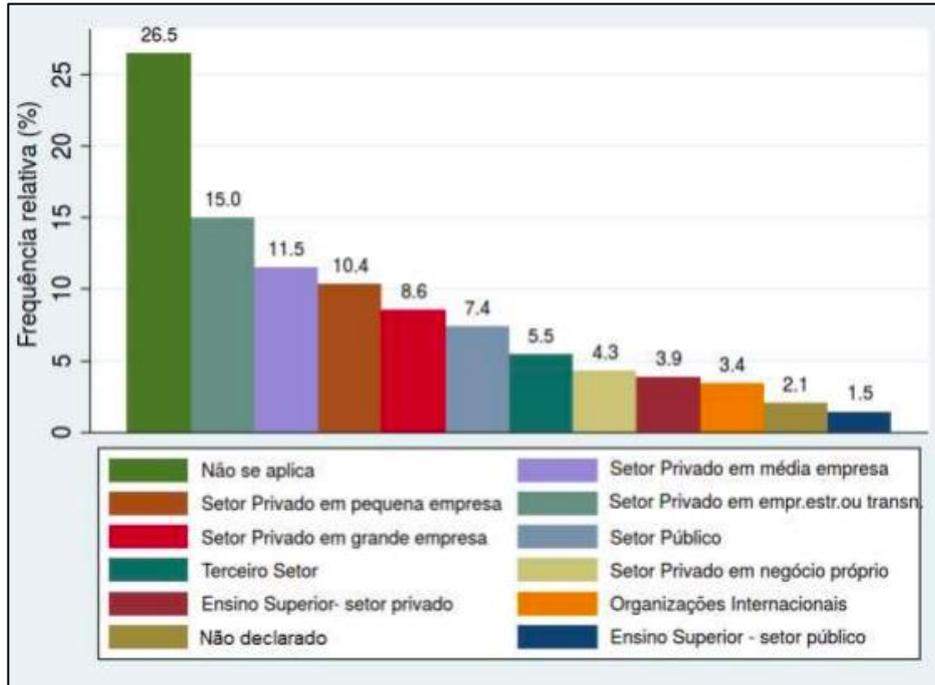
reconhecimento do profissional pelo mercado e população, além de gerar conforto no que diz respeito a perspectivas de empregabilidade depois da graduação.

A falta de regulamentação associada ao pouco conhecimento, por parte dos empregadores, das habilidades e perfil profissional do internacionalista geram obstáculos para sua inserção no mercado de trabalho. Na falta dessas informações, os profissionais com formação específica, como no caso do advogado e do economista, tendem a ser mais demandados. De acordo com o diplomata Paulo Roberto de Almeida (2006, p. 6), para o setor privado, o rol de teorias aprendidas na graduação de nada servem já que “as empresas desejam simplesmente vender ou fazer negócios com parceiros externos”, fazendo com que os empregadores optem por profissionais “tradicionais”.

Para a mudar essa perspectiva, a divulgação tanto do curso quanto do perfil dos egressos de RI é absolutamente necessária e resulta num cenário mais favorável e diversificado de atuação para o discente. A atuação das instituições de ensino superior é essencial para a divulgação e, conseqüentemente, a consolidação da área de relações internacionais no Brasil. Ademais, a posição dos próprios alunos deve ser ativa com relação à disseminação do que faz o profissional de relações internacionais, tendo em vista que estes são os maiores interessados. Por consequência, esse movimento de divulgação também é fundamental para que os ingressantes do curso de graduação tenham consciência de como vai ser trabalhada a formação e quais os cenários laborais após a angariação do diploma.

Sem dúvidas, a empregabilidade é um dos principais aspectos de preocupação dos ingressantes e dos recém-formados em RI. Os pontos mencionados anteriormente em conjunção com o fato de o curso ser relativamente novo, geram uma série de dúvidas quanto às possibilidades do mercado de trabalho. Afinal, com tanta versatilidade, o profissional de RI se depara com um universo de possibilidades de atuação em diversos setores, restando a dúvida de qual mercado se encaixa melhor com seu perfil profissional.

A pesquisadora Marrielle Maia fez um levantamento para conhecer o perfil dos egressos dos cursos de Relações Internacionais do Brasil. A pesquisa considerou os cursos criados até o ano de 2017 e sua metodologia foi baseada no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade). Dentre seus vários aspectos, a análise apresenta dados dos setores ocupados pelos egressos dos cursos na seguinte distribuição:



Fonte: MAIA, 2017, p. 36

De acordo com os resultados, o setor privado é o que mais emprega o egresso de RI, com destaque para empresas estrangeiras e transnacionais. A expressão da empregabilidade nas organizações internacionais ainda é baixa, porém bastante relevante, tendo em vista que tais organizações também se caracterizam por ser um fenômeno recente. É importante observar também, que o setor público, que foi campo primário de atuação dos primeiros egressos, perde espaço para empresas de pequeno, médio e grande porte. A partir daí, é possível observar o aumento da inserção do setor privado no âmbito internacional e como essas empresas, que são mais flexíveis que o setor público, estão se adaptando às demandas por profissionais mais versáteis.

Apesar do mercado majoritário ser tradicionalmente o do setor público, há muitas oportunidades em outros setores (LESSA, 2005, p. 12). A globalização é um fenômeno que pode explicar tanto o crescimento da área internacional em diversas instâncias quanto o aumento do interesse pela profissão. Num mundo cada vez mais interligado, a conexão entre os países por meio de instituições formais é apenas uma forma de se aplicar os preceitos das relações internacionais. As relações interpessoais e, principalmente, empresariais fazem com que as pessoas estejam mais interessadas ao que é “do mundo” e as empresas busquem gradativamente o mercado internacional, ampliando o escopo de atuação do internacionalista.

O mercado de trabalho para o internacionalista aumenta cada vez que o país desenvolve mais sua política externa, que mais empresas se internacionalizam e que mais pessoas estejam conectadas e interessadas por temas transnacionais. Acompanhando esse crescimento, no poder público, todos os ministérios têm sua assessoria internacional, além de diversos setores que dialogam diretamente com essa área, além de oportunidades também na área de gestão de programas governamentais e de políticas públicas em geral. Já no setor privado, a variedade de áreas para atuação é ainda maior. Bancos, empresas de turismo, exportadores, importadores, consultorias e organizações não-governamentais são apenas alguns exemplos de atuais empregadores para o profissional de RI.

A academia também promete ser uma grande empregadora, considerando a própria expansão do ensino de RI na graduação e pós-graduação (LESSA, 2005, p. 12). As organizações não-governamentais caracterizam-se como um acontecimento recente que abre espaço para o exercício da profissão à medida que se inserem nas agendas internacionais. Por fim, ainda é importante colocar a diplomacia como um campo de atuação almejado e romantizado pelos internacionalistas, porém que vem dividindo sua fração com o setor privado.

Essa grande variedade de atuação em conjunto com as dificuldades enfrentadas para conseguir um emprego, pressionam o estudante e o egresso a buscarem formas de se qualificarem e se diferenciarem no mercado de trabalho. Entretanto, essa não é uma preocupação exclusiva do profissional de RI. A competitividade dentro do ambiente de trabalho, as novas exigências do mercado e o grande número de profissionais disponíveis são alguns aspectos presentes nas questões da empregabilidade. Tendo em vista esse aspecto, é interessante que o aluno tente se manter atualizado durante todo o curso, faça estágios e procure entender e se inserir com antecedência na sua esfera de atuação, visando ampliar suas opções.

Especialmente para o internacionalista, esse contato antecipado com a dinâmica do mercado de trabalho é essencial para o desafio da formação do perfil profissional, levando em consideração multiplicidade de áreas apresentadas durante o curso. Além disso, uma relação direta com a prática faz com que o discente, que tem uma carga expressiva de conteúdos teóricos, tenha mais confiança com relação ao que vai ser exigido no exercício de suas atividades. Em suma, a vivência aplicada dos conteúdos assimilados na universidade ajuda a formar um profissional consciente e preparado para os desafios que o esperam depois da graduação.

Na atual conjuntura do mercado de trabalho, os profissionais de diversas áreas veem a necessidade de se capacitarem em áreas diferentes de seus cursos de formação para atender a demanda de um mercado cada vez mais plural e que exige do trabalhador cada vez mais flexibilidade de atuação. Dessa forma, o internacionalista se apresenta como um formulador e implementador de soluções para não só para políticas públicas, bem como para empregadores do setor privado nacionais ou internacionais, além de outras organizações. Resumidamente pode-se definir que o internacionalista apesar de ser um profissional preparado não só para mediar a complexidade entre o externo e o interno, mas como para atuar de forma flexível no âmbito internacional, ainda encontra desafios em definir sua percepção do campo profissional e precisa buscar formas de se inserir e se destacar no mercado do futuro.

3 Qual o futuro do internacionalista

Falar do futuro do internacionalista traz à tona a discussão sobre o próprio futuro das profissões em geral. As novas exigências e dinâmicas do mercado de trabalho caracterizam-se como desafios não só para o profissional de RI, mas como para todas as profissões. Mesmo em casos de reserva de mercado, a competitividade aumenta a cada dia e exige a atualização constante dos profissionais que almejam boas oportunidades em suas carreiras. Não basta só o conhecimento técnico da sua área de atuação, os novos moldes do mundo do trabalho requerem pessoas versáteis com conhecimentos diversos, atendendo à complexidade da interdependência entre as áreas num mundo cada vez mais globalizado.

Nesse ponto, é importante ressaltar como o setor de tecnologia da informação cresce desde a criação da internet e da expansão da globalização. Os conhecimentos em assuntos tecnológicos, do básico ao avançado, não são mais requisitos exclusivos dos trabalhadores da área de TI, tendo em vista que a tecnologia hoje em dia nas empresas se apresenta desde ligar um computador até o desenvolvimento de soluções tecnológicas. Esse crescimento reflete na indispensabilidade de um profissional que lide bem com as questões tecnológicas num ambiente de trabalho para o bom funcionamento de qualquer setor.

A partir deste contexto, surgem vários prospectos com relação ao futuro das profissões e como o profissional de hoje deve se adaptar para não se tornar obsoleto. Em um relatório publicado pelo Fórum Econômico Mundial em janeiro de 2020, intitulado *Jobs of Tomorrow: mapping opportunity in the new economy*, foram mapeadas quais as áreas e profissões que estarão em destaque nos próximos anos. Os setores que aparecem em destaque são: Dados e Inteligência Artificial, Engenharia e computação em nuvem, Desenvolvimento de Produtos Vendas, Marketing e Conteúdo, Saúde e Economia verde.

Com isso, percebe-se que a dinâmica do mercado segue a mudança das novas agendas mundiais e pressiona àqueles que visam novas oportunidades a se adaptarem às novas necessidades. Enquanto por um lado o cenário prospectado é de surgimento e fortalecimento de algumas profissões, por outro, outras ocupações são apontadas como ultrapassadas. A criação de algoritmos poderosos, que já automatizam atividades que anteriormente só poderiam ser desempenhadas por humanos, de certa forma gera inquietação com relação ao futuro do trabalho, mas ao mesmo tempo cria novos campos de trabalho com característica que, ainda, não podem ser substituídas por máquinas.

As chamadas *Softskills*, que são as competências comportamentais, como trabalho em equipe, liderança, resiliência, entre outras, desempenham um papel fundamental para a contratação do profissional nos moldes do mercado atual. O Fórum Econômico Mundial elencou cinco dessas habilidades que as companhias mais procuraram em 2019, de acordo com o LinkedIn Learning: criatividade, persuasão, trabalho em equipe, colaboração e adaptabilidade. A pesquisa ainda aponta que fortalecer essas habilidades é um dos melhores investimentos que o profissional pode fazer em sua carreira.

Diante desta situação, cabe-se questionar onde o profissional de RI se insere na nova organização de demandas por trabalhadores do futuro. De certa forma, a visão holística do internacionalista poderá ser positiva no que diz respeito à exigência latente de um trabalhador versátil e que seja capaz de analisar uma problemática por várias perspectivas. Entretanto, o modelo de ensino, não só de relações internacionais, precisa acompanhar essa dinâmica do mercado que cada vez mais exige habilidades não-técnicas como requisitos para o aumento da empregabilidade do trabalhador.

4 Considerações finais

A análise do mercado de trabalho para o profissional de Relações Internacionais é complexa. Ao passo em que se verifica um vasto campo de atuação e um egresso apto a desenvolver funções em diversos setores, a falta de conhecimento do perfil e habilidades desse profissional e a visão de que é apenas um generalista sem conhecimento técnico aprofundado faz com que a sua inserção no mercado de trabalho seja dificultada. Ademais, é importante observar o crescimento exponencial do número de cursos de graduação oferecidos na área e como esses eles se adaptam ao que os empregadores exigem.

A facilitação do acesso à informação e ao ensino superior gera novas oportunidades para a população ao mesmo tempo em que torna o mercado altamente competitivo. Além das *softskills*, os conhecimentos de tecnologia da informação já são muito demandados no mundo do trabalho atual por conta da revolução da indústria digital. Para o internacionalista, se qualificar durante e pós-curso é fundamental para tentar diminuir as barreiras de entrada no mercado de trabalho. Para completar, os estágios e outras experiências profissionais durante o curso ajudam o estudante de RI a definir seu perfil de atuação no campo profissional, gerando, também, o contato prático com os assuntos abordados durante o curso.

Por fim, seria possível supor que a formação generalista dos cursos de Relações Internacionais poderá convergir para o surgimento de um profissional mais completo no futuro. Para isso, o estudo de diversas áreas das Humanidades deve ser correlacionado ao importante papel que as emoções devem ter à formação do internacionalista como ser humano integral. O internacionalista tenderia a ter mais habilidades de *softskills*, por exemplo, para liderar elementos diversos de uma equipe de trabalho. A visão ampla de sua formação permite que esteja aberto à diversas formas de conhecer o mundo, as quais poderá integrar como líder em uma mesma solução holística para os problemas do dia-a-dia do trabalho. Para que o internacionalista venha a tornar-se um dos profissionais do futuro, portanto, é preciso que agregue a seu leque amplo de conhecimentos teóricos o papel das emoções humanas, de modo a poder resolver tanto os problemas do mundo lá fora, quanto os do mundo do trabalho cotidiano.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Paulo Roberto de. **As relações internacionais como oportunidade profissional: Respostas a algumas das questões mais colocadas pelos jovens que se voltam para as carreiras de relações internacionais.** Meridiano 47: Boletim de Análise de Conjuntura em Relações Internacionais, n. 67, p. 5-10, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/MED/article/view/2313/2060>>. Acesso em: 02 de outubro de 2020.

EMMA, Charlton. **These are the 10 most in-demand skills of 2019, according to LinkedIn,** Fórum Econômico Mundial, 14 de janeiro de 2019. Disponível em link. Acesso em: 02 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://www.weforum.org/agenda/2019/01/the-hard-and-soft-skills-to-futureproof-your-career-according-to-linkedin/>>.

FELIU, P.; KATO, M.; REINER, G. **Mercado de Trabalho e Relações Internacionais no Brasil: um estudo exploratório.** Meridiano 47 - Journal of Global Studies, v. 14, n. 135, p. 10-18, 11. Disponível em <<https://periodicos.unb.br/index.php/MED/article/view/4649>>. Acesso em 11 de setembro de 2020.

HERZ, Mônica. **O Crescimento da área de relações internacionais no Brasil.** Contexto int., Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 7-40, junho de 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292002000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11 de setembro de 2020.

LESSA, Antônio Carlos. **Os problemas recentes e as muitas virtudes do mercado de trabalho para profissionais de Relações Internacionais no Brasil.** Meridiano 47: Boletim de Análise de Conjuntura em Relações Internacionais, n. 58, p. 11-12, 2005. Disponível em: <<http://meridiano47.files.wordpress.com/2010/05/v6n58.pdf>>. Acesso em: 1 de outubro de 2020.

MAIA, Marrielle. **Cenário dos cursos de relações internacionais ofertados pelas Instituições de Ensino Superior do Brasil,** 12 de abril de 2017. Acesso em: 02 de outubro de 2020. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/71061-produto-1-estudo-cenario-ri-pdf/file>>. Acesso em: 02 de outubro de 2020.

MIYAMOTO, Shiguenoli. **O ensino das relações internacionais no Brasil: problemas e perspectivas.** Rev. Sociol. Polit., Curitiba, n. 20, p. 103-114, junho de 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782003000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 de setembro de 2020.

WEF. **Jobs of Tomorrow: Mapping Opportunity in the New Economy,** Genebra, janeiro de 2020. Acesso em: 02 de outubro de 2020. Disponível em: <http://www3.weforum.org/docs/WEF_Jobs_of_Tomorrow_2020.pdf>